

"M t'studa p'm k ter vida k nha mãe tem". Gênero e Educação em Cabo Verde²

"I have studied because I don't want to have a life just like my mother's".
Gender and Education in Cape Verde

Celeste Fortes³
celeste.fortes@docente.unicv.edu.cv
celyfortes@hotmail.com

Resumo

Como pode a antropologia contribuir para uma agenda endógena de pesquisa nos estudos de gênero em Cabo Verde e/ou entre os cabo-verdianos capaz de produzir leituras múltiplas, que evitem a produção de categorias estanques e encarcerantes como sejam "mulher cabo-verdiana" ou "homem cabo-verdiano"? A partir do trabalho de pesquisa entre mulheres cabo-verdianas em Portugal que viajaram para "tirar um curso" e com mulheres cabo-verdianas em Cabo Verde que não tiveram oportunidade de estudar e de possuir os capitais acadêmicos altamente valorizados pela sociedade cabo-verdiana, o artigo procura evidenciar a valorização que as mulheres atribuem à educação como um dos idiomas identitários centrais na construção de percursos biográficos diferenciados; argumentando que esses percursos biográficos atestam a necessidade de construção de agenda de pesquisa dos estudos de gênero, cuja tarefa central deve passar pela pesquisa das diferentes estratégias de uso situacional e contextual dos diferentes idiomas, nativos, (de gênero, classe, etnicidade, etc) que obrigam a adoção de olhares pluralizantes sobre o que significa "ser mulher cabo-verdiana", contribuindo, por conseguinte, para a heterogeneização da categoria "mulher cabo-verdiana" e a introdução de novas problemáticas na, ainda jovem, agenda de pesquisa dos estudos de gênero.

Palavras-chave: gênero, educação, antropologia feminista, estudos de gênero, agenda de pesquisa.

Abstract

How can Anthropology contribute to an endogenous research agenda on gender studies in Cape Verde and/or among Cape Verdeans able to produce multiple readings avoiding the production of stable and confining categories such as "Cape Verdean woman" or "Cape Verdean man"? From the research work done among Cape Verdean women in Portugal who have traveled to "get a college degree" and with Cape Verdean women living in Cape Verde who did not have the chance of studying and acquiring the same academic capital highly valued by the Cape Verdean society, this article enhances the importance given to education by women as a central identity idiom in the building of different biographical histories. It argues that these biographical histories test the need for constructing a research agenda on gender whose central task must approach the research of different situational and contextualized strategic use of different native idioms – gender, class, ethnicity, etc. – which demand the adoption of pluralizing looks on what being a "Cape Verdean woman" means. Therefore, it contributes to the destandardization of the category "Cape Verdean woman" and the introduction of new issues to the recent research agenda on gender studies.

Key words: gender, education, female anthropology, gender studies, research agenda.

¹ "Estou a estudar para não ter a mesma vida da minha mãe" (escrita e tradução livres).

² Artigo realizado no âmbito do Doutoramento em Antropologia Social e Cultural na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa sob orientação da Professora Doutora Susana Trovão e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (2007-2010). Quero agradecer à Professora Susana Trovão, ao José Carlos Gomes dos Anjos (UGFRS/Brasil e Uni-CV, Cabo Verde) pelas leituras e pela troca de ideias que muito enriqueceram o presente artigo.

³ Docente no Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Cabo Verde, Investigadora do Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família da Universidade de Cabo Verde. Rua Franz Fanon, Edifício do Ex, Liceu Velho, Antigo Liceu Gil Eanes, C.P. 299, Mindelo, São Vicente, Cabo Verde. Centro em Rede de Investigação em Antropologia CRIA/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Avenida de Berna, 26-C/1069-061, Lisboa, Portugal.

Contextualizando os argumentos: educação e migração, duas estratégias nacionais

Em Cabo Verde, os sucessivos governos em consonância com a sociedade no geral têm colocado a tónica no argumento da interdependência entre desenvolvimento e educação, que o desenvolvimento de Cabo Verde tem de passar pelo crescimento e pela formação dos seus recursos humanos, que são centrais para o desenvolvimento da nação cabo-verdiana e que, por conseguinte, é preciso investir em formação e educação.

Essa insistência histórica no investimento e no aperfeiçoamento dos recursos humanos nacionais a partir da "escola" significando que um diploma tornou-se num projecto nacional central, materializado na criação de projectos que têm visado à democratização do ensino e da educação formal, procurando chegar a todos os cantos e recantos do arquipélago, tem se traduzido na abertura de mais creches, escolas de ensino básico e secundário e grande investimento na criação de estabelecimentos de ensino superior no país.

Grande parte dos quadros altamente qualificados realizou a sua formação superior no exterior e essas possibilidades têm sido facilitadas pelas relações de cooperação no domínio da educação e formação que Cabo Verde mantém com vários outros países, particularmente aqueles com os quais construiu relações históricas. Considerando, sobretudo, o seu passado enquanto colónia portuguesa e, sobre o espectro da lusofonia e de país irmão, os grandes receptores dos estudantes cabo-verdianos têm sido Brasil e Portugal (Fortes, 2005; Cabral, 2009; Ellery, 2009).

Além de se afigurar como uma estratégia central para o desenvolvimento do país, o uso estratégico do ensino superior também coloca-nos perante as representações colectivas sobre aqueles que conseguem obter um diploma e as expectativas sociais que recaem sobre eles. A educação continua a ser uma estratégia de e para a conquista da mobilidade social (Afonso, 2002; Anjos 2002; Pereira, 2010; Carvalho, 2011; Barros, 2012) e o ensino superior tem sido exaltado como central na criação da elite intelectual cabo-verdiana, na formação de profissionais capazes de desempenhar cargos públicos, considerando que, particularmente a partir da independência nacional em 1975, o país vê-se na necessidade de preencher os vazios nos cargos públicos, deixados, com a saída dos nacionais da antiga metrópole (os portugueses).

Particularizando para as questões de desenvolvimento e de género, os projectos de desenvolvimento do país têm vindo a evidenciar uma valorização do factor género e, nessa medida, as atenções foram centradas nas mulheres sob os argumentos de que estas, identificadas como grupo vulnerável, têm de merecer atenção crescente dos projectos de desenvolvimento sob pena de se comprometer os objectivos a que se tem proposto de desenvolvimento social, económico, político, cultural integrado e integrador e de não se atingir e cumprir os acordos internacionais que Cabo Verde assinou no quadro das relações internacionais que mantém. Tem-se vindo a registar a promoção de um conjunto de projectos de desenvolvimento que procuram promover o *empowerment* feminino e das suas famílias, e de entre estes, destaca-se a criação de mecanismos para que as raparigas tenham acesso à educação, a emprego e carreira profissional, a cuidados de saúde, particularmente à saúde reprodutiva, como forma de evitar gravidezes precoces, doenças infecto-contagiosas, etc. No geral, este investimento no *empowerment* feminino é acompanhado de um outro argumento, mais político, de que as "mulheres é que carregam o país às costas" e que nessa medida "facilitar-lhe condições de vida favorável é permitir que toda a nação se desenvolva".⁴

Por outro lado, e apesar do investimento que tem sido feito para a existência e a consolidação do ensino superior no país⁵, estes não têm conseguido travar a pretensão já enraizada de "estudar lá fora", a sociedade cabo-verdiana continua a valorizar a formação superior no estrangeiro pelo que a saída do país de jovens que concluíram o 12º ano ou que querem seguir a via do ensino profissionalizante continua a verificar-se.

Por conseguinte, trata-se de evidenciar que viajar para o exterior⁶, emigrar, tem sido, ao longo da história das políticas de educação cabo-verdiana, uma das "saídas" para a criação de um "corpo" de quadros nacionais altamente qualificados (Fortes, 2005, 2011).

A possibilidade de estudar em Portugal não pode ser considerada apenas um recurso no quadro de ausência de ensino superior consolidado em Cabo Verde, ao contrário, é um recurso identitário dentro de um contexto sociocultural que, além de valorizar aqueles que têm escola, continua a produzir diferenças (em nível da qualidade, por exemplo) entre aqueles que estudaram ou estudam lá fora e aqueles que, por várias razões, optaram ou viram-se obrigados a frequentar o ensino superior dentro do país.

Dialogando com a história da migração cabo-verdiana, a continuidade da valorização da saída permite argumentar que,

⁴ Discurso Governamental por ocasião das comemorações do 8 de Março, 2012.

⁵ Universidades no país: Universidade de Cabo Verde (Santiago e São Vicente, 2006), Universidade Lusófona Baltazar Lopes da Silva (São Vicente, 2007), Universidade do Mindelo (ex- Instituto Superior Isidoro da Graça na ilha, São Vicente, 2011), Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais (Santiago e São Vicente, 1991), Universidade Jean Piaget de Cabo Verde (Santiago e São Vicente, 2001), Universidade de Santiago (Santiago, 2008), Mindelo - Escola Internacional de Arte, Tecnologia e Cultura (São Vicente, 2004), Instituto Superior de Ciências Políticas e Jurídicas (Santiago, 2007), Universidade Intercontinental de Cabo Verde (Santiago, 2008).

⁶ Tem-se verificado um aumento da migração interilha de jovens para prosseguirem nos estudos ao nível superior, considerando que as universidades estão concentradas em São Vicente (Barlavento) e Santiago (Sotavento).

apesar de a migração se ter tornado um facto estruturante e estruturador da identidade cabo-verdiana, hoje já é possível afirmar que as motivações económicas de fuga à pobreza deixaram de ser as razões centrais para a idealização e a execução de projectos migratórios (Évora, 2002; Akesson, 2004; Góis, 2006; Carling e Batalha, 2008), embora se continue a enfatizar, sobretudo a partir da música e da literatura, o destino daqueles que têm de deixar a terra mãe para singrar na vida na *terra longe* (Cidra, 2008; Monteiro, 2011).

O presente artigo, elaborado a partir do trabalho de pesquisa⁷ entre "mulheres cabo-verdianas"⁸ em Portugal que viajaram para "tirar um curso" e "com mulheres cabo-verdianas" em Cabo Verde que não tiveram oportunidade de estudar e de possuir os capitais académicos altamente valorizados pela sociedade cabo-verdiana, analisa a centralidade que essas mulheres atribuem à educação na construção dos seus percursos biográficos, diferenciados.

Assim, recorrendo à experiência de pesquisa de terreno concretizada na realização de observação-participante e entrevistas aprofundadas⁹, argumento:

(a) Que as mulheres com formação superior constroem as suas narrativas biográficas mostrando que o facto de possuírem capitais académicos permite-lhes construir percursos biográficos enquanto mulheres "independentes" dos "homens cabo-verdianos" e de uma sociocultura que, em termos de expectativas e papéis de género, tem "protegido os homens";

(b) Que as mulheres que não "têm escola" são mulheres que têm de "suportar os abusos dos homens" na medida em que não têm formação suficiente que as possa garantir um emprego estável, um estilo de vida "independente" e que possam usar a "escola" para mostrar aos "seus homens" que se "quiserem podem deixá-los e arranjar outro homem".

Nessa medida, o presente artigo procura ser uma contribuição para a construção de uma agenda endógena de pesquisa¹⁰ nos estudos de género em Cabo Verde e/ou entre os cabo-verdianos (em Cabo Verde e na diáspora) capaz de produzir leituras múltiplas e que evitem a produção de categorias estanques e encarcerantes como sejam "mulher cabo-verdiana" ou "homem cabo-verdiano".

Valendo-se da educação como um dos traços distintivos da experiência de ser "mulher cabo-verdiana", as narrativas biográficas de algumas mulheres com quem tenho vindo a trabalhar mostram-nos (aos investigadores) que uma das tarefas dos estudos de género deve passar pela pesquisa das diferentes estratégias de uso situacional e contextual dos diferentes idiomas nativos (de género, classe, etnicidade, etc) que obrigam a adopção de olhares pluralizantes sobre o que significa "ser mulher cabo-verdiana", contribuindo, por conseguinte, para o desencarceramento e heterogeneização da categoria "mulher cabo-verdiana" e a introdução de outras problemáticas na ainda jovem agenda de pesquisa dos estudos de género, em Cabo Verde.

"M t'studa p'm k ter vida k nha mãe tem": construção de múltiplas trajectórias femininas

Parte da pesquisa que realizei com as mulheres sem capitais educacionais foi feita na Associação para a Auto-promoção das Mulheres no Desenvolvimento (Morabi) e ali tive oportunidade de ouvir várias mulheres (re)fabricando à minha frente o novo das suas vidas enquanto "mulheres cabo-verdianas", cujos significados deste ser "mulher cabo-verdiana" se traduzem nas suas "dificuldades de vida" e "má sorte" de terem tido "más experiências" com "esses homens cabo-verdianos", lamentando o facto de não terem tido oportunidade de estudar e "terem uma profissão"¹¹.

Outra parte da pesquisa foi realizada com jovens "mulheres cabo-verdianas" que, depois de concluírem o 12º ano em Cabo Verde, viajaram para Portugal a fim de continuarem os seus estudos para o nível superior, e, no geral a pesquisa com essas mulheres tem procurando salientar os significados pessoais dessa saída para a construção das suas pertenças identitárias de género, classe e etnicidade.

Sair para estudar lá fora significa a *chance* de se soltar de um contexto sociocultural considerado por essas mulheres como sendo encarcerante, que limitaria as possibilidades de constru-

⁷ A pesquisa foi iniciada em Portugal a partir de 2007.

⁸ Coloco entre as aspas as mulheres na medida em que considero que esta é uma categoria criada por discursos tanto das ciências sociais como pelos discursos fora do espaço académico, pelo que merece ser problematizada pela agenda de pesquisa nos estudos de género e porque, conforme será salientado ao longo do artigo, as minhas interlocutoras têm definições subjectivas da experiência de ser "mulher cabo-verdiana".

⁹ Uma experiência de pesquisa marcada ainda pelo facto de eu ser cabo-verdiana e de ter também viajado para Portugal para "tirar um curso".

¹⁰ Por agenda endógena de pesquisa, não defendo, por exemplo, que a participação nessa agenda de pesquisa seja exclusiva aos investigadores nacionais, mas sim que essa agenda possa se orientar por um quadro epistemológico que possa estar em sintonia com o quadro empírico, libertando-se da tentação de explicar o empírico a partir da importação de quadros teóricos de outras geografias de conhecimento. Voltarei a esse assunto no final do artigo.

¹¹ Poder-se-á afirmar que o facto de, em Cabo Verde, se ter valorizado os empregos na função pública, os chamados "trabalhadores do estado", criou esse ambiente em que a grande maioria deseja ter um trabalho como funcionário público, por se considerar que são mais valorizados e mais estáveis. Um exemplo disso é que quando uma mulher que trabalha a partir de casa tem de preencher um formulário para tratar de qualquer assunto, no espaço onde se pergunta a profissão, esta assume-se como não tendo emprego ou como empregada doméstica, mais curioso ainda é o facto de que trabalhando a partir de casa, muitas vezes, ganha mais do que o seu companheiro que pode ser um funcionário público.

ção de um percurso biográfico "autónomo", como aquele que tem sido possível construir no novo contexto de vida, em Portugal (Fortes, 2011).

Coloco em diálogo múltiplas vozes femininas com o objectivo de mostrar que se, por um lado, as mulheres que não tiveram oportunidade de estudar tomam como seu projecto de vida a educação dos seus filhos e que, por conseguinte, investem na educação dos seus filhos; as mulheres que estão em Portugal ou que estiveram em Portugal consideram que a razão que as levou a estudar tem, sobretudo, a ver com o facto de não quererem ter a mesma vida que as suas mães tiveram.

O diálogo procura evidenciar a sobrevalorização da educação como forma de definir aquilo que, para as jovens mulheres, deve ser uma mulher e as lamentações das mulheres sem capitais educacionais e mostram que estão em sintonia na valorização da escola como forma de "não aturar abusos dos homens" mas que "infelizmente" não tiveram essa *chance*.

A partir desses diálogos, proponho que os estudos das relações de género em Cabo Verde, além de valorizar as relações entre sexos opostos, homens-mulheres, também contemplem as relações intrassexuais, mulheres-mulheres e/ou homens-homens (Strathern, 1998, 2006) na medida em que essas relações são capazes de evidenciar as estratégias e representações locais (forjadas no quotidiano) na construção das feminilidades e masculinidades. Essa proposta de diálogo surge da constatação de que, na construção da identidade de género em Cabo Verde, nem sempre o "Outro", em referência na relação, é um homem, isto é, o homem, cabo-verdiano ou *estrangeiro*.

Mais ainda, permite-nos observar que tais construções identitárias resultam também de dinâmicas de sociabilidade intrassexuais que não devem ser desconsideradas a favor dos contextos de relações entre sexos opostos (Strathern, 1998, 2006), isto é, grande parte das representações criadas e partilhadas sobre o *Outro* sexo (o homem) têm como arena principal espaços onde as mulheres convivem entre si.

Durante a minha pesquisa de terreno, tanto em Cabo Verde (São Vicente) como em Portugal, convivi com várias das minhas interlocutoras em espaços frequentados sobretudo por mulheres, como, por exemplo, cabeleireiros para mulheres, cozinhas (durante as festas a que era convidada, as mulheres passavam grande parte do tempo na cozinha, não apenas preparando a comida mas sobretudo conversando), restaurantes e discotecas em grupo, compras ao fim-de-semana em grupo. Nesses espaços de sociabilidade onde as mulheres faziam questão de frisar que

eram "nossos momentos, proibidas a entrada e a permanência de homens", as conversas eram frequentemente sobre os "homens", os seus homens e os homens no geral, acompanhadas por queixas e desabafos sobre o estado das suas relações¹².

Essa proposta pretende também colocar esse diálogo dentro de um quadro teórico que tem vindo a problematizar as dinâmicas de construção de percursos biográficos não numa perspectiva binária, mas valorizando o facto de que as realidades são mais compósitas do que aparentam ser. Por conseguinte, não se trata de defender que as mulheres em Portugal, ao construírem os seus percursos biográficos procurando se diferenciar do percurso biográfico das suas mães (que são para elas a representação de mulheres que não querem ser), tal signifique um completo distanciamento e apagamento dessas mulheres das suas vidas.

Isto é, há aquilo que podemos chamar de um jogo de espelho em que as mulheres mães servem de espelho, que reflecte e materializa uma "imagem" de "mulher cabo-verdiana" que as mulheres com capital académico (suas filhas) não querem seguir. Por conseguinte, o projecto de "mulher cabo-verdiana" que querem seguir constrói-se em relação e em diálogo com aquilo que as suas mães são, assim sendo, não se pode falar de percursos biográficos numa lógica binária.

Portanto, são apresentadas aqui duas formas nativas de definir "mulher cabo-verdiana" que não se excluem uma à outra, mas que se colocam em relação, para produzir diferenciação e que só nessas relações é que concebem como diferentes e só por essas relações é que se formam enquanto pessoas (Strathern, 1998, 2006).

É curioso, a minha mãe sempre me disse 'se queres ser alguém na vida, olha para a minha vida, toma-me como espelho e exemplo, para veres o que não deves fazer', ainda me lembro dessas palavras, achava aquilo estranho porque supostamente nós idolatramos as nossas mães, mas ao mesmo tempo elas nos dizem para não sermos como elas, então hoje percebo que a minha mãe não queria que tivesse a mesma vida que ela e de facto não concebo a minha vida igual ao da minha mãe (Patrícia, 27 anos).

"As minhas filhas são a minha felicidade": investimento das mulheres mães na educação das filhas¹³

O contexto sociocultural cabo-verdiano mostra-nos que grande parte da educação pensada e dirigida para as mulheres

¹² Numa das festas em Lisboa, uma das jovens brincou sobre o facto de as "mulheres" só conversarem sobre os homens dizendo que: "parecemos aqueles idosos quando estão doentes e que disputam entre si com várias doenças para parecer que está mais doente do que os outros". Esta comparação se deve ao facto de que, nessas queixas, as mulheres sempre reclamam dos homens e cada uma tenta que a sua reclamação pareça mais grave do que a das outras mulheres. Em resposta a esta provocação respondeu outra mulher "olha é sempre assim, o que que queres, eles são uns maus mas não podemos viver sem eles", resposta que mereceu aprovação das outras mulheres presentes.

¹³ O facto de, neste artigo, se dar mais centralidade à relação entre mães e filhas não quer dizer que seja uma relação privilegiada quando comparada com a relação mães-filhos. A referência a essa relação é um recorte que faço aqui para os propósitos do artigo. Aliás, vale lembrar que, no contexto sociocultural cabo-verdiano, se defende que os filhos(as) são das mães, porque como se costuma frisar "pai poder ser qualquer, mas mãe é sempre mãe".

(recebida sobretudo dentro de casa) colocam-nas enquanto cuidadoras das suas famílias; pelo que não será exagerado afirmar que o cuidado com a família, no quotidiano, é uma tarefa eminentemente feminina, considerando, portanto, a existência de um corpo de expectativas sociais e culturais que recaem sobre as "mulheres cabo-verdianas".

Não são expectativas passivamente aceites, os conflitos inter e intrassexuais são constantes e é nesses conflitos que podemos encontrar as dinâmicas quotidianas de (re)construção das pertenças identitárias de género, que, conforme anteriormente frisado, contribuem para alargarmos a discussão a um nível mais compósito e menos binário das relações de género em Cabo Verde e/ou entre cabo-verdianos.

Sou mãe e pai dos meus filhos. Tenho uma filha, que precisa pagar os estudos na universidade. Ela está a fazer biologia marinha na Uni-CV e tem de pagar mensalmente 9 contos (cerca de 90€), por isso é preciso trabalhar muito. Tenho outra que anda no ISE... As minhas filhas, são a minha felicidade, são tudo o que eu tenho... eu me preocupo muito com o futuro das minhas filhas. Estou a investir nelas para que tenham boa formação, depois trabalharem e conseguirem ter uma boa vida. É como lhes digo, podem não ter nada para me dar, mas o facto de estarem bem, com a vida arrumada, já é uma grande ajuda. Eu vejo por aqui tantas jovens a viverem sem rumo na vida (Emília, 53 anos).

No quadro daquilo que se tem convencionalmente designar de responsabilidades parentais, muitas mulheres afirmam ter de assumir o duplo papel de mãe e pai dos seus filhos, queixando-se de terem sido abandonados pelo pai dos seus filhos, não recebendo deste qualquer apoio para, por exemplo, garantir a educação dos filhos. O investimento na educação dos filhos que, em alguns casos, é feito de forma solitária tem sido um dos projectos centrais na vida de algumas mulheres¹⁴.

Os seus ganhos biográficos se materializam naquilo que conseguem dar aos filhos, vangloriando-se no facto de terem participado enquanto mães no projecto biográfico positivo dos filhos.

Quando se colocam enquanto mães e pais dos seus filhos não se trata apenas de desempenho de papéis, mas sobretudo de assumir que essas mulheres corporificam composições. Recuperando a proposta de Strathern (1998, 2006), de análise das relações a partir das dinâmicas de reciprocidade, parece-nos adequado problematizar a construção de si dessas mulheres mães, a partir da sua participação nessas relações de reciprocidade, que engendram a partir da incorporação do papel de pai e mãe dos

seus filhos. Poder-se-á afirmar então que as mulheres mães fazem parte de uma trama relacional em que se constituem como são em resultado das relações com os *Outros*. Assim, a forma como se veem a si, enquanto "mulheres cabo-verdianas" está intimamente ligada à forma como esses *Outros* a definem, como afirma Strathern (1998) "cada pessoa vê a si mesma a partir do ponto de vista do outro. A dependência pode, assim, possuir uma conotação positiva quando envolve a mobilização das relações, e as pessoas ganham importância em função das relações nas quais se apoiam" (Strathern, 1998, p. 119).

Se seguissemos uma leitura mais binária e se acolhêssemos a possibilidade de colocar a trama dessas mulheres em diálogo com as propostas de mulheres emancipadas e mulheres não emancipadas, então poderíamos concordar com a ideia de que elas vivem num contexto patriarcal e machista que limita as possibilidades das mulheres construírem percursos biográficos autónomos de um projecto colectivo do Nós, sobretudo das suas famílias. Contudo e conforme tenho vindo a salientar (Martins e Fortes, 2011), as mulheres têm resistido a e negociado com o machismo, a poligamia informal, e o patriarcado a partir de múltiplas estratégias, pelo que elas são capazes de produzir reformulações nesse contexto classicamente visto como sendo patriarcal e machista.

O facto de, em Cabo Verde, existirem vários constrangimentos estruturantes e estruturadores (como a migração, a pobreza, a falta de confiança do casal, o descrédito da possibilidade de construção do lar família, etc) deve servir de mote para a constatação de que existe "convivência" entre o sistema patriarcal e o sistema patriarcal (Massart, 2005; Rodrigues, 2007; Martins e Fortes, 2011).

Então, não se trata de afirmar a passividade das mulheres dentro do contexto sociocultural das relações de género pelo facto de construírem um percurso biográfico enquanto pessoa compósita/relacional, pelo contrário, procuro evidenciar as estratégias e suas prioridades das suas biografias.

Voltando ao investimento das mulheres mães nas suas filhas (a partir da educação), este pode ser visto dentro de um quadro de uma relação intrassexual marcada pela expectativa que as suas filhas possam fazer parte de uma rede intergeracional de solidariedade feminina. Nesse sentido, o investimento na educação das filhas pode ser considerado enquanto investimento na garantia de que quando chegadas à velhice, possam contar com as suas filhas¹⁵ e que possam ter possibilidade de construção de outros percursos biográficos.

¹⁴ Não há aqui espaço para uma reflexão aprofundada sobre as relações entre homens e mulheres, mas procurando introduzir um debate mais plural e, mais uma vez, libertando-se da tentação binária, devo aqui ressaltar que durante a minha pesquisa, sobretudo em Cabo Verde, nota-se que nem sempre as mulheres são vítimas de um contexto relacional em que os homens são os "vilões da estória". Assim merecem ser estudadas mais aprofundadamente as múltiplas estratégias engendradas por mulheres para "anular" os homens da sua condição de pai. Conheci mulheres que afirmavam não receber ajuda do pai dos seus filhos, mas conversando com os seus filhos, constatei que esses recebem ajuda dos pais para pagamento das propinas, para aquisição de matérias escolares, etc. Conheci também mães que proibiram os seus filhos de pedirem ajuda aos seus pais ou que falam mal do pai dos seus filhos, mesmo quando a conversa é com os seus filhos.

¹⁵ Não significando que os investimentos na educação dos filhos sejam desigual ao investimento das filhas.

Quando chegas à velhice é com as filhas que tens de contar, quando tinha as duas filhas contava com as duas, agora só tenho uma e é com ela que tenho de contar. Os meus filhos trabalham, mas ajudam pouco... tenho medo que aconteça alguma coisa comigo e não consiga cuidar dos meus filhos... (Gertrudes, 51 anos).

“Não quero ser como a minha mãe”: construção de percursos biográficos diferentes das mães

Conforme anteriormente referenciado, muitas das jovens cabo-verdianas vivem num contexto social de valorização daqueles que têm escola, já que esse é um dos caminhos possíveis de mobilidade social ascendente, garantia de mudança em termos de pertença social não apenas para si mas que se traduz num projecto também das suas famílias.

Mas o que interessa evidenciar neste ponto do artigo é a leitura que muitas jovens mulheres fazem dos seus investimentos na educação para construção e exaltação de uma imagem positiva de si em comparação com a trajetória das suas mães.

Isto é, os capitais académicos são exaltados nas narrativas biográficas dessas mulheres como significando condições de possibilidade para a construção de percurso feminino autónomo e “emancipatório”, liberto dos constrangimentos que poderiam destinar as suas vidas para o mesmo caminho das suas mães.

“Não quero ser como a minha mãe” tem sido uma das frases marcantes na pesquisa entre as jovens mulheres que viajaram para Portugal para “tirar um curso”, pelo que essa valorização dos capitais académicos, quando analisados dentro do quadro das relações intrassexuais para a construção de feminilidades, mostra-nos que as razões desses investimentos devem ser procurados dentro das representações colectivas locais produzidas sobre percurso feminino positivo ou negativo.

As jovens mulheres procuram distanciar-se do percurso biográfico das suas mães, afirmando que é um percurso marcado por sacrifícios e por um “anulamento” das mulheres em troca do cumprimento das expectativas do colectivo:

Eu vejo a minha mãe com uma vida sacrificada, sempre a correr para poder nos dar aquilo que precisamos e ela nunca se cansa, nunca se queixa de estar cansada, nunca mostra que vai desistir de nós, quer nos ver bem, quer que tenhamos uma vida, admiro muito a minha mãe mas não quero ter a mesma vida que ela tem e por isso estou a estudar (Patrícia, 25 anos).

Esses *Outros* perante os quais as mulheres “se anulam” são, segundo as jovens mulheres, recorrentemente os pais (quando ainda têm apenas o estatuto de filhas de), os companheiros (quando adquirem o estatuto de mulheres de) e os filhos (quanto se tornam mães de).

Eu acho que muitas mulheres cabo-verdianas não têm oportunidade de serem elas próprias, eu vejo isso pela minha mãe, saiu da casa dos pais ainda jovem, ou seja deixou de ser filha e foi morar com um homem e ficou logo grávida, ou seja deixou de ser filha de e passou a ser mulher de e mãe de...acho triste porque ela nunca teve um momento na vida em que foi apenas Bia, tendo a sua vida própria, as nossas mães se anularam para serem propriedades de outras pessoas (Madalena, 30 anos).

Viver e realizar-se enquanto mãe e esposas são dois lados de um percurso que as jovens mulheres procuram afastar dos seus projectos de vida. As jovens mulheres consideram que, se comparadas às suas mães, têm todas as condições¹⁶ para se distanciarem da vida que as suas mães tiveram e de, sobretudo, não viverem as situações de “anulamento” perante os *Outros* e a condição maior é a escola:

Não sei como elas aturam esses abusos, acho que têm de levar com as chatices dos homens porque não tiveram oportunidade de ir para escola, de ter escola e poderem ser mais independentes, repara que a maior parte de nós o pai é que trabalha fora, eles tiveram mais oportunidades na vida, as nossas mães ficaram sempre dentro de casa, cuidando dos filhos e do marido, é por isso que não abro mão da minha escola, quero ser alguém na vida não quero viver a vida de outras pessoas, como faz a minha mãe. Eu estudo porque não quero ter a vida que a minha mãe tem. Para mim a educação é uma forma de não aturar abuso dos homens (Mara, 24 anos).

E é viajando para Portugal que essas jovens mulheres afirmam ter encontrado possibilidades de construir os seus percursos biográficos marcados por “individualismos” e “liberdade”, valorizando a autonomia em relação à família¹⁷ que ficou em Cabo Verde (Fortes, 2011).

A experiência de vida num contexto sociocultural diferente é manejada como forma de construir sentidos de ser mulher que têm como bitola de comparação as suas mães. Em Lisboa, essas jovens mulheres vivem, pela primeira vez, a experiência de encontro com outras mulheres e outros homens que participam no projecto de (re)dimensionamento das suas repre-

¹⁶ Têm todas as condições porque espera-se que apesar de terem conseguido adquirir ou estarem perto de adquirir os tão desejados capitais académicos não cometam alguns erros que possam “atropelar” esse percurso diferenciado: engravidar antes de concluir o curso, ter relacionamento sério antes de “gozar da vida”, terminar o curso e “ir logo viver com um homem”, são esses os possíveis atropelos que muitas mulheres temem. E é porque têm medo desses possíveis atropelos que muitas mulheres em Portugal vivem a possibilidade de regresso como uma “regressão” e vão adiando o regresso a Cabo Verde (ver Fortes, 2011, 2013)

¹⁷ Alguns estudantes em Lisboa têm possibilidades de viverem em casa de familiares mas preferem dividir casa com outros colegas, sobretudo cabo-verdianos, alegando que não saíram da casa dos pais para irem viver em casa de outros familiares, sujeitando-se ao mesmo controlo que tinham em Cabo Verde.

sentações e concepções sobre o percurso biográfico ideal enquanto mulher e ainda sobre o ideal de uma relação intergénero.

Aqui em Lisboa sinto-me livre no sentido em que não tenho de estar muito preocupada com o que as pessoas podem dizer de mim... em Cabo Verde é como te disse em relação à minha mãe, eu era a filha do Senhor X e da Dona Y... por exemplo quando passava por algum conhecido, como se para me dizer que conhecem a minha família, perguntavam-me sempre 'está tudo bem com os teus pais?', mas aqui não, a maior parte das pessoas me conhecem por mim e não porque sou filha de... (Madalena, 24 anos).

Se a viagem é vivida, segundo essas mulheres, como lugar de construção de si, cuja participação de *Outros* (da sua família) é limitada pelo facto de estarem longe, importa salientar o facto de que apesar de manifestarem uma autonomia do controle familiar, as jovens mulheres entram em outros contextos relacionais, pelo que as relações de reciprocidade continuam e renovam-se a partir de outras exigências (Strathern, 1998).

Podemos falar, por exemplo, das exigências que lhes são impostas pelo grupo étnico de pertença, que, perante possibilidades de distanciamento, exigem dessas mulheres uma presença mais activa e constante, que deem mais de si ao grupo em troca de se sentirem parte de um grupo, que dá-lhes sentido enquanto pertencendo a um grupo, étnico, os cabo-verdianos¹⁸.

A partir desse cenário empírico aqui partilhado, vemos *duas estradas* (Strathern, 1998) para a construção de "ser mulher cabo-verdiana" que não podem ser isoladas (numa lógica binária) nem do contexto sócio-histórico em que são produzidas nem tão pouco do diálogo em presença, ou seja, os percursos biográficos das filhas fazem-se em comparação com o percurso biográfico das suas mães. Conforme defende Strathern (1998):

As pessoas também são apresentadas com tendo as suas mentes divididas entre seguir velhas e novas estradas... como as pessoas também adotam perspectivas umas sobre as outras, ocupando assim posições alternadas, é óbvio que cada pessoa traz em si mesma capacidade de atuar, segundo o velho ou o novo (Strathern, 1998, p. 118).

Assim, a pesquisa entre "essas mulheres" permite-nos alargar a discussão para além de uma proposta dicotomizante dos projectos biográficos, para dar conta de construção de biografias que mostram que a construção de sentidos de "ser mulher cabo-verdiana", resultam de diálogos entre várias perspectivas, sobretudo de vários olhares (também) sobre o ideal de "ser mulher cabo-verdiana", até porque elas cooperam entre si para produzir diferenciação.

E é a partir dessa proposta de olhares múltiplos que, em seguida, procurarei deixar algumas pistas de reflexão para a

construção de uma agenda de pesquisa nos estudos de género em Cabo Verde.

Para uma agenda de pesquisa de estudos de género em Cabo Verde

É claramente visível que as investigações que têm sido realizadas no domínio do género em Cabo Verde ou entre os cabo-verdianos (e tendo particularmente as mulheres como centrais para a discussão das relações de género) são muitas vezes marcadas por aquilo que podemos chamar de "germanidade", em termos de género. São as mulheres quem investigam mais sobre as questões de género e, na maioria das vezes, tomando como referência as mulheres.

Afigura-se como importante reflectir sobre os efeitos dessas fidelidades femininas, definidas aqui como uma relação suportada na ideia da existência de laços identitários que unem um grupo, isto é, a partilha da identidade sexual transposta para a partilha também da identidade de género, o que significa dizer que é visível que as protagonistas dessa relação de investigação consideram-se pertencentes ao "mesmo grupo". Torna-se também importante evidenciar os factores que conduzem as mulheres a escolherem outras mulheres como interlocutoras nessa difícil relação que não se reduz apenas à partilha da mesma identidade sexual.

Que efeitos a "ilharização" do género enquanto categoria analítica pode ter na produção científica dos estudos de género em Cabo Verde e em que medida esses efeitos podem ser sintetizados numa produção científica que procura apenas colocar em evidência a guerra intersexos existente? Como pode a antropologia contribuir para uma *agenda endógena* de pesquisa nos estudos de género em Cabo Verde e/ou entre os cabo-verdianos capaz de produzir leituras múltiplas que evitem a produção de categorias estanques e encarcerantes como sejam "mulher cabo-verdiana" ou "homem cabo-verdiano"?

Trabalhando com a hipótese de que a agenda de pesquisa no domínio do género em Cabo Verde está, na maioria dos casos, em diálogo e em sintonia com a agenda político-governamental de desenvolvimento do país e tendo em vista aquilo que o discurso político tem convencionalmente designado de igualdade e equidade de género, argumento que a análise destas agendas permite-nos constatar que a génese da introdução do género como categoria analítica das ciências sociais em/com Cabo Verde interliga-se à introdução do género no discurso social e político mais abrangente.

Embora não se possa afirmar que as ciências sociais se tenham colocado de forma passiva perante as temáticas que podem ser problematizadas enquanto temáticas para a investiga-

¹⁸ O facto de viverem a viagem como lugar de "libertação" de um quadro social, que é por elas considerada encarcerante, não significa que as mulheres não sejam confrontadas com expectativas, sobretudo por parte do grupo étnico de pertença. Para aprofundamento da análise dessa relação antagonica com a viagem, ver (Fortes 2011).

ção, mas não se pode negar que estas problemáticas decorrem de diálogos e sintonias entre a agenda de investigação e a agenda política e governamental.¹⁹

Uma das críticas que podemos apontar a este diálogo é que criam-se assim possibilidades para a existência de uma "naturalização dessas temáticas" e que, em decorrência dessa naturalização, pode ocorrer ainda (ou tem ocorrido) uma passividade em relação à produção de olhares críticos sobre a sociedade no geral, limitando as possibilidades de introdução de novas temáticas.

A inventariação das temáticas mais recorrentes nas investigações em ciências sociais em Cabo Verde no domínio do gênero mostra-nos que estas podem ser agrupadas em: mulheres e família/mulheres e maternidade "solitária", mulheres e migração, mulheres e violência baseada no gênero/violência doméstica, mulheres e desenvolvimento/mulheres e projectos de desenvolvimento e de luta contra a pobreza, mulheres e participação política, mulheres e participação na produção e promoção cultural e artístico cabo-verdiano sendo que, muitas vezes, outras temáticas emergentes são também colocadas como "entrada das mulheres no mundo dos homens".²⁰

São temáticas em que, na maior parte das vezes, as mulheres são apresentadas como vítimas: da violência baseada no gênero, da pobreza, da não assunção da paternidade dos seus filhos por parte dos pais, vítimas da exclusão da participação política por serem mulheres, vítimas de uma cultura machista que as encarcera a um sistema de relações desigual, etc. A condição de partida das mulheres é essa, uma condição revisitada pelos investigadores para dar conta das estratégias desenvolvidas por mulheres para empreenderem uma tarefa hercúlea, de sustentarem a casa sem a presença do homem, para combaterem a exclusão social e económica, para entrarem para a política, considerada culturalmente o mundo dos homens, para se tornarem empreendedoras, acima de tudo, para cumprirem as expectativas sociais e culturais que recaem sobre elas enquanto mulheres cabo-verdianas.

Isto é, argumento que a jovem agenda de pesquisa no domínio de gênero em Cabo Verde deve poder criar mecanismos para ampliar os seus objectivos, por exemplo, a partir da introdução de temáticas menos visíveis, é a proposta apresentada nesse artigo que procura valorizar as estratégias de construção identitária de gênero a partir do diálogo intrassexual.

Por outro lado, a agenda de pesquisa deve acautelar-se das tentações de colocar as mulheres enquanto subalternas (Spivak, 1988) e de posicionar as(os) investigadoras(res) como as (os) "resgatadoras" das vozes femininas. Nessa medida, creio que os inves-

tigadores que trabalham as temáticas de gênero em Cabo Verde devem fazer um trabalho de auto-policiamento a fim de poderem posicionar as suas intenções, já que têm deixado uma zona de dúvidas, pois nem sempre ser especialista implica ser militante.

A tarefa crítica a ser empreendida deve ser a de analisar as intenções e os interesses dessa agenda de investigação procurando salientar se se trata de um resgate da voz para retirarem as mulheres dessa "condição de subalternidade" ou se se trata de um posicionamento enquanto porta-voz dessas mulheres, cujo interesse maior é de se tornar um especialista, com os seus posicionamentos teóricos e políticos, que no limite não revela o desejo, guardado a sete chaves, de que as mulheres se mantenham nessa condição de subalternidade.

Isto é, não me posiciono contra a possibilidade de que o fazer ciência seja acompanhado ou ele mesmo ser o resultado de um posicionamento político/militante, mas ser militante não deveria significar a produção de uma escrita mais polifónica (Clifford, 1998)?

Podemos, por conseguinte, avançar com a hipótese de que, no estado actual das investigações em gênero, do lado dos investigadores, os interesses se prendem mais com o facto de fazerem uma instrumentalização dessas mulheres para a sua agenda pessoal enquanto investigadores, sobretudo. Por outro lado, importa referenciar a atenção desigual que homens e mulheres têm merecido por parte dos estudos de gênero em Cabo Verde. Não se pode afirmar que sejam estudos das mulheres, na medida em que os homens são referenciados, mas estes são trazidos para a discussão para dar conta da "invisibilidade das mulheres".

Nesse artigo procurei reflectir e argumentar a favor da ideia de que se a textualização da condição feminina em Cabo Verde tem procurado apresentar as mulheres cabo-verdianas enquanto grupo homogéneo, colocadas em espaços socialmente subalternos, importa também rever este "texto social" a partir, por exemplo, da instrumentalização da educação que algumas mulheres fazem enquanto forma de rever estas posições homogeneizantes.

Espero que este "texto social" ganhe mais dinamismo produzindo diálogos múltiplos, procurando escapar às teias de binarismos encarcerantes, cujo efeito recorrente é da cristalização e inscrição de realidades. Uma textualização que carece ainda de produzir diálogos históricos mais longitudinais, já que se tem notado uma carência de investigações que possam dar conta do percurso histórico das mulheres no contexto sociocultural cabo-verdiano. Investigações que sejam capazes de libertar de marcos históricos mais actuais como sejam a luta da independência, o período do partido único ou a abertura política.

¹⁹ Essa agenda político-governamental tem procurado responder à agenda das relações internacionais que Cabo Verde tem vindo a manter com vários países e organizações governamentais e não-governamentais. Argumento também defendido por outras pesquisadoras, ver Monteiro (2009), Silva e Fortes (2011).

²⁰ Apesar de passíveis de serem criticadas, deve-se contudo reconhecer que essas escolhas foram de facto importantes para trazer para a ordem do dia a voz subalterna das mulheres, mas é importante considerar a urgência de sair dessa arena para dar também espaço a outras temáticas que aparentemente podem ser menos politizadas e, por conseguinte, menos urgente mas que são fundamentais para uma produção científica capaz de se inovar e criar novas problematizações.

Por outro lado, e se múltiplas investigações apontam para a existência de desequilíbrios de género no que toca ao acesso à educação, tenho vindo a analisar o uso estratégico da educação como forma de reformular as relações de género, consideradas desequilibradas, em desfavor das mulheres e, mais ainda, de que a posse de capitais académicos e profissionais mostra-nos que aquelas mulheres com quem falamos nas nossas investigações nos ensinam que a categoria "mulher cabo-verdiana" é, no quotidiano, (re) construído de forma situacional e contextual.

Creio por tudo o que fica aqui partilhado, que a criação (um exercício constante de (re)invenção) de agendas endógenas de pesquisa deve considerar a proposta intemporal de Malinowski (1935) de produção de teorias a partir da etnografia.

De acordo com a proposta que podemos encontrar nas sugestões de Anjos (2012) e Varela (2009, 2011), é importante assumirmos a criação de uma agenda endógena de pesquisa que traduza as nossas pertenças e os nossos posicionamentos dentro da geopolítica de conhecimento. É necessário então questionar as tendências mais hegemónicas considerando que, por enquanto, a nossa agenda de conhecimento é periférica e que assumir essas pertenças e posicionamentos começa, precisamente, por assumirmos a nossa geografia enquanto periféricos, isto é, cabo-verdianos e africanos, por exemplo. Essa agenda assumida dentro da geopolítica do conhecimento é ainda, segundo Anjos (2012), um exercício de contrariar a tendência imposta, hegemónica, que tem limitado as capacidades criativas de contrariar a "reflexibilidade institucional" na medida em que nós, a elite intelectual dos países dominados pela colonialidade, reflectimos sobre uma reflexibilidade institucional (Anjos, 2012).

Referências

- AFONSO, M.M. 2002. *Educação e Classes Sociais em Cabo Verde*. Praia, Spleen Edições, 192 p.
- AKESSON, L. 2004. *Making a Life, meanings of migration in Cape Verde*. Gothenburg, University of Gothenburg, Department of Social Anthropology 184 p.
- ANJOS, J.C.G. dos. 2012. A Ecloração do Turismo Sexual em Cabo Verde. In: CONGRESSO AS CIÊNCIAS SOCIAIS EM CABO VERDE: QUEM SOMOS E PARA ONDE VAMOS?, Praia, 2012. *Anais...* Praia, Universidade de Cabo Verde.
- ANJOS, J.C.G. dos. 2002. *Intelectuais, Literaturas e Poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Praia, INIPC, 297 p.
- BARROS, C. 2012. *Gênese e formação da elite político-administrativo cabo-verdiano, 1975-2008*. Santiago, Cabo Verde. Dissertação de Doutorado. Universidade de Cabo Verde, 403 p.
- CABRAL, A. 2009. *Brain Drain: Oportunidade ou ameaça? Universitários Migrantes, redes Globais e Retorno Social do Investimento Educativo em Cabo Verde*. Lisboa, Portugal. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 128 p.
- CARLING, J.; BATALHA, L. 2008. *Transnational Archipelago: perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora*. Amsterdam, Amsterdam University Press, 288 p.
- CARVALHO, M.A. 2011. *O Liceu em Cabo Verde. Um Imperativo de Cidadania (1917-1975)*. Praia, Edições Uni-Cv, 512 p.
- CIDRA, R. 2008. Produzindo a música de Cabo Verde na Diáspora: redes transnacionais, world music e múltiplas formações crioulas. In: P. GÓIS (org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. Lisboa, ACIDI, p. 105-125.
- CLIFFORD, J. 1998. Sobre a autoridade etnográfica. In: J. GONÇALVES; J. REGINALDO (org.), *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, p. 17-62.
- ELLERY, D.M. 2009. *Identidades em Trânsito: África 'na Pasajen': Identidades e Nacionalidades Guineenses e Cabo-verdianas*. Campinas, Arte Escrita, 208 p.
- ÉVORA, I. 2002. *(Des) atando nós, (re)fazendo laços: aspectos psicossociais da migração feminina cabo-verdiana na Itália*. São Paulo, SP. Dissertação de Doutorado. Universidade São Paulo, 287 p.
- FORTES, C. 2005. *Nu Bem Djobi Nós Inxada – viemos procurar a nossa enxada: Estudantes Cabo-verdianos em Lisboa, (re)construções identitárias*. Lisboa, Portugal. Dissertação de Licenciatura. Universidade Nova de Lisboa, 124 p.
- FORTES, C. 2011. As cabo-verdianas estudantes quando vêm para Portugal tornam-se todas Europeias: Cabo-verdianas em Lisboa, narrativas e práticas nas relações de género e interetnicidade. In: C. SILVA; C. FORTES (orgs.), *As mulheres em Cabo Verde: experiências e perspectivas*. Praia, Edições Uni-CV, p. 255-276.
- FORTES, C. 2013. Regressar é regressar: estudantes cabo-verdianas em Lisboa e discursos sobre os projectos de retorno a Cabo Verde. In: I. ÉVORA (org.), *Faces da Diáspora: estudos sobre a migração cabo-verdiana contemporânea*. Lisboa, Cesa. [no prelo, e-book].
- GÓIS, P. 2006. *Emigração Cabo-verdianas para (e na) Europa e a sua inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão*. Lisboa, ACIME, 375 p.
- MALINOWSKI, B. 1935. *Coral Gardens and their Magic*. Londres, George Allen & Unwin, 2 vols.
- MARTINS, F.; FORTES, C. 2011. Para além da crise. Jovens, mulheres e relações familiares em Cabo Verde. (Con)textos. *Revista d'antropologia i investigació social*, 5:13-29.
- MASSART, G. 2005. Masculinités pour tous? Genre, Pouvoir et Governamentalité au Cap-vert, le foyer dans la spirale de l'ouverture et du changement à Praia. *Lusotopie*, 12(2):252-262.
- MONTEIRO, E. 2009. *Mulheres, Democracia e Desafios Pós-coloniais: uma análise da participação política das mulheres em Cabo Verde*. Praia, Edições Uni-CV, 191 p.
- MONTEIRO, C. 2011. *Música Migrante em Lisboa: trajectos e práticas de músicos cabo-verdianos*. Lisboa, Editora Mundos Sociais, 296 p.
- PEREIRA, A.M. 2010. *Subsídios para a História da Educação e Cabo Verde: organização e funcionamento do sector dos primórdios à primeira república portuguesa*. Praia, Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 379 p.
- RODRIGUES, I.F. 2007. As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental: reconsiderando o patriarcado na teoria e na prática. In: M. GRASSI; I. ÉVORA (orgs), *Género e Migrações Cabo-verdianas*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, p. 123-146.
- SILVA, C.; FORTES, C. (orgs.). 2011. *As mulheres em Cabo Verde: experiências e perspectivas*. Praia, Edições Uni-CV, 312 p.
- SPIVAK, G. 1988. Can the Subaltern Speak? In: N. CARY; L. GROSSBERG (eds.), *Marxism and the Interpretation of Culture*. Chicago, University of Illinois Press, p. 271-313.
- STRATHERN, M. 1998. Novas Formas Económicas: um relato das terras altas da Papua-Nova Guiné. *Mana*, 4(1):109-139. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131998000100005>

STRATHERN, M. 2006. *O Género da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, Editora Unicamp, 536 p.

VARELA, O. 2009. O repto da 'diversidade de conhecimento' em Cabo Verde: do colonial/moderno ao moderno/pós-colonial. *e-cadernos CES*, 2. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/media/documentos/ecadernos2/Odair%20Varela.pdf>. Acesso em: 25/03/2013.

VARELA, O. 2011. *Mestiçagem Jurídica? O Estado e a Participação Local na Justiça em Cabo Verde: uma análise pós-colonial*. Coimbra, Portugal. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra, 472 p.

Submetido: 26/02/2013

Aceito: 18/03/2013